CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

FABIANA SIBELLY RODRIGUES CÂNDIDO FIGUEIREDO

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CUIDADO À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: Uma revisão de literatura

ICÓ – CE
2024

FABIANA SIBELLY RODRIGUES CÂNDIDO FIGUEIREDO

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CUIDADO A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA Uma revisão de literatura

Monografia submetida à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II) do Curso Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), a ser apresentada como requisito para obtenção de título de Bacharelado em Enfermagem.

Orientador (a): Prof.ª Esp. Clélia Patrícia da Silva Limeira.

ICÓ – CE

2024

FABIANA SIBELLY RODRIGUES CÂNDIDO FIGUEIREDO

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CUIDADO À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Monografia submetida à Coordenação do curso de bacharelado em enfermagem do Curso Bacharelado em enfermagem do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para Aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Aprovado em _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof.ª Esp. Clélia Patrícia da Silva Limeira.
Centro Universitário Vale do Salgado
Orientador(a)

_____

Prof.ª Ma. Francisca Juliana Grangeiro Martins
Centro Universitário Vale do Salgado
1ª Examinador(a)

_____

Prof.ª Esp. José Firmino Junior
Centro Universitário Vale do Salgado
2ª Examinador(a)

"A minha mãe, cuja força e amor foram meu alicerce em cada passo desta jornada. Sua dedicação, paciência e apoio incondicional sempre me motivaram a buscar o melhor em mim. Este trabalho é uma pequena homenagem à grandeza de sua presença em minha vida. Obrigado por acreditar em mim, mãe.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, fonte de minha força e inspiração, que me guiou e sustentou em todos os momentos, especialmente nos dias de incerteza. Sem sua presença em minha vida, não teria alcançado essa vitória.

Aos meus pais, Sandra Rodrigues Cândido e Francisco José Figueiredo, por toda dedicação, esforço e incentivo. Vocês me ensinaram valores essenciais e sempre acreditaram no meu potencial, dando-me força e apoio em momentos em que pensava em desistir, agradeço por me acompanharem desde o início dessa jornada. Minha gratidão é infinita por tudo o que fizeram e continuam fazendo por mim.

Ao meu tio, Fábio Rodrigues Cândido, minha eterna gratidão por todo o apoio e generosidade ao longo da minha graduação. Em momentos de dificuldade, especialmente financeiros, você foi o primeiro a estender a mão e a me dar o suporte necessário para que eu pudesse continuar meus estudos sem desistir do meu sonho.

À minha orientadora, Prof.ª Clélia Patrícia da Silva Limeira, cuja orientação e dedicação foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço pela paciência, pelos ensinamentos valiosos e pelo incentivo para que eu pudesse alcançar um nível de excelência e amadurecimento.

Aos meus amigos Aline, Michele, David e Adriane por estarem ao meu lado em todos os momentos, compartilhando cada etapa dessa trajetória. Obrigada pela amizade, pelas risadas e pelo apoio nas horas de estudo e desafios, que tornaram essa caminhada mais leve e inesquecível.

Aos membros da banca avaliadora, Prof.ª Francisca Juliana Grangeiro Martins e Prefº. José Firmino Junior, pela disponibilidade e pelas críticas construtivas.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu pudesse alcançar este momento. Cada palavra de incentivo e apoio que recebi ao longo dessa jornada foi fundamental para que eu me tornasse a profissional e a pessoa que sou hoje.

RESUMO

FIGUEIREDO, Fabiana Sibelly Rodrigues Cândido. **ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CUIDADO À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:** Uma revisão de literatura. Monografia. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem). Centro Universitário Vale do Salgado – UNIVS. Icó-CE, 2024.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por dificuldades no desenvolvimento neurológico, especialmente nas interações sociais, e sua detecção precoce é fundamental. A enfermagem desempenha um papel crucial na identificação dos sinais de TEA, no apoio às famílias e na promoção da saúde infantil. Este estudo busca investigar, à luz da literatura, as práticas de enfermagem no cuidado a crianças com TEA, destacando a importância da educação contínua dos profissionais e da abordagem interprofissional. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, do tipo Revisão Integrativa da Literatura (RIL), que analisa publicações sobre o papel da enfermagem no cuidado a crianças com TEA, com o objetivo de identificar lacunas no conhecimento, avaliar metodologias e estabelecer um panorama atualizado sobre o tema. A pesquisa foi realizada com base em dados provenientes de plataformas indexadas como a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados em Enfermagem (BDENF). Serão utilizados os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS): “Práticas de Enfermagem”, “Criança” e “Autismo”, e o operador booleano “AND”. Os critérios de inclusão abrangem artigos científicos primários (qualitativos, quantitativos e relatos de experiências) publicados em língua portuguesa, entre 2014 e 2024, considerando a atualização do DSM-5. Artigos que não se relacionem com a temática ou sejam repetidos serão excluídos. Inicialmente, foram encontradas 674 produções científicas, das quais 566 foram excluídas. A amostra final consistiu em 7 artigos selecionados. Conforme a leitura e análise desta revisão integrativa, a avaliação de vários estudos demonstrou que a assistência de enfermagem à criança autista é multifacetada e envolve, entre outras coisas, a detecção precoce durante as consultas de puericultura. Nesse contexto, o enfermeiro tem papel fundamental na identificação de sinais iniciais de TEA, como atrasos no desenvolvimento da fala e dificuldades na interação social. Além disso, ele orienta as famílias quanto aos cuidados necessários e ao acesso a serviços especializados. A prática interprofissional também é essencial, garantindo que a criança receba o atendimento adequado em diversas áreas, como terapia ocupacional e fonoaudiologia. Os desafios enfrentados pela enfermagem, como a falta de conhecimento específico sobre o TEA, são evidentes e dificultam a oferta de um cuidado de qualidade. A formação teórica e prática dos profissionais, muitas vezes, não aborda as particularidades do transtorno, o que limita a capacidade dos enfermeiros de realizar diagnósticos precoces e fornecer um cuidado eficaz. A colaboração com outros profissionais e o apoio emocional aos enfermeiros são fundamentais para superar essas barreiras. Tais estudos indicam que, ao abordar esses pontos, a assistência à criança autista pode ser aprimorada, resultando em benefícios tanto para as crianças quanto para suas famílias.

Palavras-chave: Práticas de Enfermagem, Criança, Autismo.

ABSTRACT

FIGUEIREDO, Fabiana Sibelly Rodrigues Cândido. **NURSE'S ROLE IN CARING FOR CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER:** A Literature Review. Monograph. 31 pages. Bachelor's Thesis (Nursing). Vale do Salgado University Center – UNIVS. Icó-CE, 2024.

Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized by difficulties in neurological development, especially in social interactions, and early detection is crucial. Nursing plays a key role in identifying signs of ASD, supporting families, and promoting child health. This study aims to investigate nursing practices in caring for children with ASD, emphasizing the importance of continuous professional education and interprofessional collaboration. It is a bibliographic research, a type of Integrative Literature Review (ILR), that analyzes publications about the role of nursing in the care of children with ASD, with the objective of identifying knowledge gaps, evaluating methodologies, and establishing an updated overview of the topic. The research will be based on data from indexed platforms such as the Virtual Health Library (VHL), Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences (LILACS) and the Nursing Database (BDENF). The Health Science Descriptors (DeCS) used will be: "Nursing Practices," "Child," and "Autism," along with the boolean operator "AND." Inclusion criteria cover primary scientific articles (qualitative, quantitative, and experience reports) published in Portuguese between 2014 and 2024, considering the DSM-5 update. Articles not related to the topic or repeated will be excluded. Initially, 674 scientific publications were found, of which 566 were excluded. The final sample consisted of 7 selected articles. According to the reading and analysis of this integrative review, the evaluation of several studies demonstrated that nursing care for children with autism is multifaceted and involves, among other things, early detection during child health consultations. In this context, the nurse plays a crucial role in identifying early signs of ASD, such as delays in speech development and difficulties in social interaction. Furthermore, the nurse provides guidance to families on necessary care and access to specialized services. Interprofessional practice is also essential, ensuring that the child receives appropriate care in various areas, such as occupational therapy and speech therapy. The challenges faced by nursing, such as the lack of specific knowledge about ASD, are evident and hinder the provision of quality care. The theoretical and practical training of professionals often does not address the particularities of the disorder, limiting nurses' ability to make early diagnoses and provide effective care. Collaboration with other professionals and emotional support for nurses are essential to overcome these barriers. These studies suggest that addressing these issues can improve care for children with autism, benefiting both the children and their families.

Keywords: Nursing Practices, Child, Autism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Etapas da Revisão Integrativa..... 18

Quadro 2 Cruzamento dos Descritores em Ciências da Saúde (DECS) 19

Quadro 3 Distribuição dos artigos científicos quanto ao ano, autor, título, objetivo, metodologia e resultado..... 21

LISTA DE SIGLAS E/OU ABREVIATURAS

ACA	Análise Comportamental Aplicada
ADI-R	Autism Diagnostic Interview-Revised
ADOS	Autism Diagnostic Observation Schedule
BDENF	Base de Dados de Enfermagem
BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
CAA	Comunicação Alternativa e Aumentativa
DECS	Descritores em Ciência da Saúde
DSM-5	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
ESP	Especialista
MA	Mestra
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
RI	Revisão Integrativa
RIL	Revisão Integrativa de Literatura
SAE	Sistematização da Assistência de Enfermagem
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNIVS	Centro Universitário Vale do Salgado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 11

2 OBJETIVO 13

3 REVISÃO DE LITERATURA..... 14

3.1 ASPECTOS GERAIS DO TEA..... 14

4 METODOLOGIA 17

4.1 TIPO DE ESTUDO..... 17

4.2 DEFINIÇÃO DA QUESTÃO NORTEADORA..... 17

4.3 FONTES DE PESQUISA E COLETA DE DADOS..... 17

4.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO..... 18

4.5 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS..... 19

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... 20

5.1 **CATEGORIA 1 -** ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇA AUTISTA..... 25

5.2 **CATEGORIA 2 -** DESAFIOS ENFRENTADOS PELA ENFERMAGEM NO CUIDADO À CRIANÇA AUTISTA..... 26

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 29

REFERÊNCIAS 30

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrange diversas condições caracterizadas por distúrbios no desenvolvimento neurológico, todos vinculados à dificuldade nas interações sociais. De acordo com o Ministério da Saúde, os indícios de problemas no neurodesenvolvimento da criança podem ser identificados nos primeiros meses de vida, com o diagnóstico geralmente estabelecido entre os 2 e 3 anos de idade (Brasil, 2015).

O cuidado às crianças com TEA representa um desafio multifacetado dentro da área da saúde, exigindo uma abordagem especializada e humanizada. A enfermagem desempenha um papel crucial neste cenário, atuando desde a detecção precoce até o apoio contínuo às famílias e crianças afetadas pelo TEA (Nascimento et al., 2018).

A atenção do enfermeiro à família de pessoas com TEA deve ser realizada de forma estruturada por meio da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE). A SAE é uma estratégia eficiente para a coleta de dados e a organização do cuidado, permitindo uma abordagem individualizada e humanizada. Essa ferramenta auxilia na formulação e execução de intervenções que atendam às necessidades do indivíduo com TEA e de seus familiares, respeitando suas rotinas, hábitos e horários específicos. Além disso, contribui para a redução da agitação e do estresse, promove uma melhora nas relações interpessoais e fortalece o vínculo familiar. Ao facilitar o tratamento e favorecer a adaptação às demandas do dia a dia, o enfermeiro desempenha um papel central na promoção da qualidade de vida, garantindo suporte emocional, orientação educativa e assistência integral tanto ao paciente quanto à sua rede de apoio.. (De Paula Ferreira et al., 2024)

A incidência do TEA tem aumentado globalmente, o que destaca a necessidade de uma melhor compreensão e desenvolvimento de estratégias efetivas para o manejo deste transtorno (Salgado et al., 2022). A enfermagem, nesse contexto, assume um papel de vanguarda, não apenas no diagnóstico e cuidado direto, mas também na educação e apoio às famílias, fundamentais para um tratamento eficaz (Ferreira e Theis, 2021).

Além disso, é essencial considerar o envolvimento de crianças com TEA em situações adversas como o bullying, que pode ter um impacto significativo em seu bem-estar. A compreensão desse aspecto social e a capacitação dos profissionais de saúde, incluindo enfermeiros, para lidar com tais situações são cruciais (Falcão, 2017). A interação interprofissional e a educação contínua dos enfermeiros, conforme indicado por Maranhão et al. (2019), são essenciais para fortalecer a qualidade do cuidado prestado a esta população especial.

Assim, a questão norteadora deste estudo direciona-se para: Quais práticas o enfermeiro desempenha no processo de atendimento à criança com TEA? Este trabalho visa entender as práticas de enfermagem voltadas para crianças autistas, buscando sensibilizar profissionais e pesquisadores em áreas correlatas acerca dos aspectos ligados à detecção precoce, compreensão dos desafios sociais, envolvimento familiar, educação contínua de profissionais, estratégias e intervenções no tratamento do autismo em crianças.

A escolha do tema foi motivada por vivências pessoais e familiares da pesquisadora, despertando o interesse em compreender mais profundamente as necessidades específicas de crianças com TEA. Essas experiências evidenciaram lacunas no acompanhamento profissional, como a dificuldade de identificar sinais precoces do TEA e a ausência de estratégias direcionadas na assistência, reforçando a importância de estudar e aprimorar práticas de enfermagem voltadas a essa população.

Esse estudo apresenta relevância significativa em diversos âmbitos. No acadêmico, contribui para o enriquecimento do conhecimento teórico e prático, auxiliando na formação de profissionais capacitados para oferecer uma assistência mais eficaz. No social, busca sensibilizar para os desafios enfrentados por crianças com TEA e suas famílias, promovendo ações que impactem positivamente o bem-estar coletivo. No âmbito profissional, fortalece a prática de enfermagem, promovendo um cuidado humanizado, individualizado e comprometido, que atende às demandas dessa população de forma integral.

No campo científico, o trabalho se destaca ao contribuir com a ampliação do entendimento sobre o TEA, propondo estratégias que minimizem os impactos dessa condição, tanto para as crianças quanto para seus cuidadores. Além disso, favorece a criação de abordagens inovadoras que melhorem o ambiente familiar, a qualidade de vida e o suporte às famílias, valorizando o papel da enfermagem como protagonista no atendimento a essa clientela em situação de vulnerabilidade.

2 OBJETIVO

Analisar, à luz da literatura, as práticas de enfermagem no processo de atendimento à criança com TEA.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 ASPECTOS GERAIS DO TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de desenvolvimento que acompanha a pessoa ao longo da vida, caracterizando-se por dificuldades persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. Os primeiros sinais costumam se manifestar nos primeiros anos de vida, geralmente entre 1 e 3 anos, quando podem surgir diferenças no desenvolvimento social e comportamental. (CÔRTES; DE ALBUQUERQUE, 2020).

A história do autismo começou a ser formalmente estudada em 1943, quando Leo Kanner publicou o artigo "Autistic Disturbances of Affective Contact", a partir de observações de Donald Triplett, um menino que apresentou uma regressão significativa de seu desenvolvimento aos dois anos de idade, incluindo isolamento e reações adversas a mudanças na rotina. Na época, crianças com comportamentos "anormais" eram frequentemente institucionalizadas e afastadas de suas famílias, prática que refletia os preconceitos e o entendimento limitado da sociedade sobre o autismo e outras condições. Foi apenas com o trabalho de Kanner que o autismo passou a ser reconhecido como uma condição distinta, caracterizada por padrões comportamentais específicos, marcando o início de investigações científicas mais detalhadas sobre o tema. (DE MOURA EVÊNCIO; FERNANDES, 2019).

Ribeiro (2022), aponta que no Brasil, a epidemiologia do autismo é ainda pouco explorada, e não existem estudos amplos que representem toda a população. Um dos poucos levantamentos foi um estudo-piloto conduzido em Atibaia, São Paulo, em 2011, que estimou uma prevalência de 0,3% entre crianças de cinco a 12 anos. A pesquisa identificou várias limitações, como a falta de representatividade da amostra e a utilização de instrumentos não validados, dificultando conclusões precisas. Fatores como o diagnóstico tardio, a carência de profissionais capacitados e o pouco treinamento do Programa da Saúde da Família também são desafios na avaliação do autismo no país.

Globalmente, a prevalência do Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem aumentado nas últimas décadas, variando amplamente entre os países. Nos Estados Unidos, a taxa cresceu de 1 em cada 88 crianças em 2008 para 1 em cada 44 em 2018. Outros países também apresentam dados variados: na Coreia do Sul, a prevalência é de 2,6%, enquanto no Canadá é de 1,52% e, na China, alcança até 3,92%. Em países do Oriente Médio e na Ásia, como Irã, Omã e Bangladesh, as taxas são menores, mas ainda mostram tendência de crescimento. Essas

variações refletem diferenças culturais, metodologias de pesquisa e acesso ao diagnóstico, tornando a comparação entre países um desafio significativo. (RIBEIRO, 2022).

Vieira (2020) destaca que diversos fatores de risco podem estar associados ao desenvolvimento do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Estudos apontam que a idade avançada dos pais pode aumentar a probabilidade de diagnóstico de TEA nos filhos, assim como o uso de substâncias e algumas complicações na gravidez, que podem interferir no desenvolvimento neurológico fetal. Além disso, fatores genéticos também exercem papel significativo, com mutações genéticas específicas sendo associadas ao autismo. Embora os mecanismos exatos ainda estejam em investigação, esses fatores de risco sugerem uma interação complexa entre predisposições biológicas e influências ambientais, contribuindo para a manifestação do TEA em diferentes níveis e graus.

O TEA caracteriza-se por déficits na sociocomunicação e padrões de comportamentos repetitivos e restritos, com variação significativa no grau de comprometimento dessas áreas. De acordo com os critérios diagnósticos do DSM-V, os sintomas mais comuns incluem alterações na comunicação, como dificuldades na reciprocidade emocional, comportamentos comunicativos (verbais e não verbais) e dificuldades em iniciar e manter relações. Os comportamentos repetitivos e restritos podem se expressar por meio de estereotipias, repetições motoras, uso repetitivo de objetos e da fala, interesses específicos, adesão rígida a rotinas, e uma hipo ou hipersensibilidade a estímulos sensoriais. (BACKES; ZANON; BOSA, 2017).

Segundo Araújo (2022), o autismo é classificado em três níveis de gravidade, de acordo com a intensidade dos desafios apresentados. No Nível 1, ou autismo leve, as pessoas enfrentam dificuldades para iniciar e manter interações sociais, com respostas que podem ser vistas como incomuns. Embora precisem de apoio, as demandas são baixas, e o impacto tende a ser discreto, mas evidente na ausência de ajuda. No Nível 2, ou autismo moderado, há um grau mais significativo de limitação social e dificuldades tanto na comunicação verbal quanto não verbal, exigindo suporte contínuo para que consigam lidar melhor com as interações. O Nível 3, autismo severo, é marcado por déficits graves em comunicação, grandes dificuldades na socialização, e possíveis atrasos cognitivos e intelectuais, além de forte resistência a mudanças e padrões de comportamento repetitivos, o que demanda assistência intensiva para suas necessidades cotidianas e adaptações contínuas no ambiente.

Ronzani (2021) aponta que indivíduos com autismo frequentemente apresentam comorbidades que intensificam os desafios sociais e comportamentais que enfrentam. As condições mais prevalentes incluem o déficit intelectual, transtornos do humor, ansiedade e

gestos repetitivos. O déficit intelectual é observado em uma grande parte dos indivíduos com TEA, com prevalências variando entre 11% e 65%, e sua presença está associada a uma maior incidência de problemas emocionais e comportamentais, além de dificultar a identificação de necessidades específicas. A depressão e a ideação suicida também são comuns, com prevalências variando entre 1,4% e 72%, sendo mais frequentes em adolescentes e adultos com TEA, com a solidão e o isolamento social como fatores de risco predominantes. A ansiedade é outra comorbidade significativa, afetando até 42% dos indivíduos com TEA, com sintomas como evitação social e dificuldades de comunicação, o que pode prejudicar ainda mais as interações sociais. Estereotipias e tiques também estão presentes em muitos indivíduos com TEA, sendo classificados como patológicos apenas quando afetam a funcionalidade.

O diagnóstico do TEA é realizado por uma equipe multidisciplinar, que avalia o comportamento da criança por meio de observações diretas e questionários clínicos, conforme os critérios do DSM-5. Ferramentas como o ADOS (Autism Diagnostic Observation Schedule) e o ADI-R (Autism Diagnostic Interview-Revised) são essenciais para a identificação dos sintomas característicos do transtorno. O diagnóstico precoce, realizado antes dos 3 anos, é fundamental para o início imediato de intervenções que promovam o desenvolvimento cognitivo e social da criança, impactando positivamente no prognóstico a longo prazo. (APA, 2013; Steffen et al, 2020).

Intervenções comportamentais, como a Análise Comportamental Aplicada (ACA), são eficazes no tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA), ajudando a modificar comportamentos negativos e reforçar os positivos. Os profissioais de saúde, ao estarem familiarizados com essas técnicas, podem colaborar no desenvolvimento e implementação de programas individualizados. Além disso, o envolvimento ativo da família, conforme destacado por Nascimento et al. (2018), é essencial no processo de cuidado, fornecendo aos pais e cuidadores as ferramentas necessárias para apoiar o desenvolvimento da criança.

Tecnologias assistivas, como aplicativos de comunicação alternativa e aumentativa (CAA), têm papel importante no cuidado de crianças com TEA, facilitando a comunicação, promovendo a autonomia, melhorando a qualidade de vida e fortalecendo o vínculo com cuidadores e familiares. Enfermeiros devem conhecer essas ferramentas e incorporá-las ao plano de cuidado. A eficácia das intervenções depende de uma abordagem multidisciplinar, que inclui terapias ocupacionais, fonoaudiológicas, educacionais e comportamentais, com os enfermeiros coordenando e implementando essas ações, conforme ressaltado por Maranhão et al. (2019).

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, do tipo Revisão Integrativa da Literatura (RIL), a revisão integrativa tem como propósito a análise de pesquisas relevantes que podem dar suporte para os objetivos do estudo, ao analisar as evidências disponíveis na literatura existente, a fim de qualificar a atuação do enfermeiro quanto ao trabalho de assistência prestada. (Souza, 2010).

A construção de uma Revisão Integrativa (RI), é realizada em seis etapas segundo Mendes, Silveira e Galvão (2019):

Quadro 1 – Etapas da Revisão Integrativa.

Etapa	Definição
1	Delimitar o tema e formular a pergunta norteadora
2	Estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão
3	Extrair dados dos estudos primários e organizar os dados coletados
4	Avaliação dos estudos primários incluídos na pesquisa
5	Sintetizar os resultados para a avaliação crítica
6	Apresentação da revisão e dos resultados obtidos

Fonte: Mendes, Silveira e Galvão (2019).

4.2 DEFINIÇÃO DA QUESTÃO NORTEADORA

O presente estudo terá como base a seguinte pergunta norteadora: Quais práticas o enfermeiro tem desempenhado no processo de atendimento à criança com TEA?

4.3 FONTES DE PESQUISA E COLETA DE DADOS

A pesquisa se deu pela questão norteadora e a busca dos dados será feita a partir de base de dados indexados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), tais como Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados em Enfermagem (BDENF). Utilizando-se os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS): " Cuidados de enfermagem", "criança" e "autismo", e o operador booleano "AND".

4.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foram utilizados os critérios de inclusão: artigos publicados na base de dados, artigos científicos primários (pesquisas qualitativas, quantitativas e relatos de experiências) disponíveis em língua portuguesa, entre os anos de 2014 e 2024, pois no ano anterior em 2013 houve uma grande mudança na 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) que consolidou diferentes diagnósticos anteriores em uma única categoria de TEA, abrangendo uma variedade de sintomas e níveis de gravidade. Está revisão impactou a compreensão e classificação do TEA, tornando esse marco importante para investigar as implicações dessa atualização no cuidado de enfermagem ao longo dos anos. Nos de exclusão: artigos que não se relacionem à temática e artigos repetidos.

Quadro 2 - Cruzamento dos Descritores em Ciências da Saúde (DECS)

Cruzamento do DECS	**Bases de dados/ Resultado da busca inicial**	**Resultado após filtros**	**Resultados após critérios de inclusão e exclusão**	**Artigos selecionados**
"Cuidado de enfermagem" AND "Criança"	LILACS: 315 produções	LILACS: 294 artigos	LILACS: 91 artigos	LILACS: 2 artigos
	BDENF: 320 produções	BDENF: 11 artigos	BDENF: 1 artigo	BDENF: 1 artigos
"Cuidado de enfermagem" AND "Autismo"	LILACS: 22 produções	LILACS: 19 artigos	LILACS: 10 artigos	LILACS: 3 artigos
	BDENF: 16 produções	BDENF: 13 artigos	BDENF: 6 artigos	BDENF: 1 artigos

FONTE: Elaborado pela autora, 2024.

Inicialmente foram encontradas 674 produções científicas, a partir dos critérios de inclusão como texto completo, idioma português, temática abordada e dos últimos 10 anos (2014 a 2024), apresentando 109 artigos. Desta forma, foram excluídas 566 publicações em virtude de não responder à pergunta norteadora do estudo, ser artigos de revisão, livros, capítulos de livros e editoriais. A amostra final foi de 07 artigos selecionados.

4.5 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Após a coleta dos dados, as informações foram organizadas utilizando um quadro síntese, que foi construído com os seguintes aspectos: ano de publicação, título, autor (res), objetivos e principais resultados obtidos. Na análise irá usar a técnica de Bardin (2016) de três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamentos dos resultados.

A pré-análise é a etapa de organização propriamente dita. Trata-se de um período marcado por intuições, mas com o propósito de tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de forma a estruturar um esquema claro para o desenvolvimento das operações subsequentes em um plano de análise. Busca-se elaborar um programa que, embora flexível (permitindo a inclusão de novos procedimentos durante a análise), deve ser bem definido. (BARDIN, 2016)

Concluída a pré-análise, dá-se início à exploração do material, considerada uma das etapas mais extensas e desafiadoras. Essa fase consiste, principalmente, na aplicação de regras previamente estabelecidas e na realização de processos como codificação, segmentação e enumeração. Trata-se de um trabalho sistemático que, muitas vezes, é realizado manualmente e envolve a implementação das decisões tomadas ao longo da investigação (BARDIN, 2016).

Por fim, o tratamento e a interpretação dos resultados devem garantir a obtenção de dados significativos e confiáveis. Os dados brutos são processados de maneira a se tornarem relevantes e válidos. Operações estatísticas simples, como percentuais, ou mais avançadas, como análise fatorial, possibilitam a criação de quadros de resultados, gráficos, diagramas, figuras e modelos que sintetizam e destacam informações extraídas. Para assegurar maior precisão, esses resultados são submetidos a testes estatísticos e validações. A interpretação deve ser consistente, possibilitando inferências relevantes e alinhadas aos objetivos do estudo. Além disso, os achados podem ser confrontados com o material estudado, servindo de base para futuras análises e novas abordagens teóricas. (BARDIN, 2016).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No quadro abaixo encontra-se uma síntese dos resultados do estudo, com a descrição das publicações utilizadas para a categorização da pesquisa, incluindo título, ano de publicação, objetivo, delineamento dos estudos e seus resultados.

QUADRO 3 - Distribuição dos artigos científicos quanto ao ano, autoria, título, objetivo, metodologia e resultado.

N°	Título	Autores	Ano	Objetivo	Método	Resultados
A1	Conhecimento e prática de enfermeiros da atenção primária sobre o transtorno do espectro autista	Almeida et al.,	2024	Avaliar conhecimento e prática de enfermeiros de unidades de atenção primária à saúde acerca do Transtorno do Espectro Autista.	Estudo transversal, quantitativo, com 42 enfermeiros da atenção primária de Teresina, Piauí. Utilizou-se questionário sobre características profissionais e conhecimento.	Predominaram enfermeiros com 23 a 72 anos, sexo feminino (95,2%) e com mais de dez anos de atuação (78,6%). A maioria (95,2%) referiu conhecimento insuficiente na graduação, 88,1% atenderam ou suspeitaram de crianças com características do Transtorno do Espectro Autista nas consultas de puericultura, 85,7% não conheciam instrumentos de triagem e nenhum recebeu capacitação pelo serviço.

	Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado.	Magalhães et al.,	2022	Descrever os diagnósticos e as intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista fundamentados em taxonomias de enfermagem e na teoria do autocuidado.	Estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa com 11 crianças e embasado na aplicação do processo de enfermagem. Utilizou-se taxonomia International Nursing Diagnoses definitions and classification, para definição dos diagnósticos de enfermagem, a teoria do autocuidado e as recomendações da Nursing Interventions Classification para planejamento das intervenções.	O isolamento social, falta de motivação e dependência para execução de atividades constituíram os principais problemas levantados. As afirmativas diagnósticas que possibilitaram a estruturação de 27 intervenções de enfermagem, compreenderam o déficit no autocuidado para alimentação, banho e higiene íntima; o isolamento social; e a disposição para melhora do autocuidado.
A3	Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil.	de Sena et al.	2015	Analisar a prática e o conhecimento dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família acerca do transtorno autístico.	Pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, composta por 15 enfermeiros. Utilizou-se a entrevista semiestruturada. A análise de dados deu-se através da	Evidenciou-se insegurança e fragilidade no conhecimento dos enfermeiros sobre transtorno autístico em virtude de não terem conseguido definir autismo nem demonstrado vivência com

					análise representacional, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte	pessoas autistas e relataram a inexistência de capacitações voltadas para o tema exposto.
A4	Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras.	Pitz, Gallina e Schultz.	2021	Descrever o conhecimento da enfermeira da Estratégia da Saúde da Família (ESF) sobre indicadores para a triagem do TEA e sua experiência na aplicabilidade na consulta de puericultura.	Pesquisa descritiva de abordagem qualitativa estruturada, conforme sugestões do Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research(Coreq), para maior confiabilidade e transparência de sua condução.	Os participantes apontam para o papel primordial da enfermeira e suas ações após a detecção e o diagnóstico do TEA para melhorar a estimulação, o acompanhamento/tratamento do transtorno, os encaminhamentos e o prognóstico da doença.
A5	Detecção precoce dos sinais de alerta de autismo em crianças na atenção primária à saúde sob a perspectiva das relações interpessoais.	Oliveira.	2024	Descrever a participação de enfermeiros no processo de detecção precoce dos sinais de alerta dos TEA em crianças de até três anos de idade, no âmbito da Atenção Primária à Saúde; e analisar as relações	Estudo de abordagem qualitativa, descritivo, desenvolvido por meio de entrevistas semiestruturadas com enfermeiros de cinco unidades de Clínica da Família (CF) do município do Rio de Janeiro.	Participaram 27 enfermeiros, com idades variando entre 25 e 50 anos (média de 36,3 anos). A área predominante de formação em especialização/residência foi a de Saúde da Família (22 enfermeiros). O tempo de graduação entre os entrevistados obteve média de 9,5 anos; o

				interpessoais enfermeiros e familiares dessas crianças no processo de detecção precoce dos sinais de alerta dos TEA.		tempo de trabalho na CF obteve média de 2,9 anos; e o tempo de trabalho na assistência a crianças, com média de 7,2 anos.
A6	Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories.	Rodrigues et al.	2017	Aplicar o processo de enfermagem da teoria do autocuidado de Dorothea Orem, e utilizar a Social Stories como ferramenta de aprendizagem aliada à teoria do autocuidado pela criança com Transtorno do Espectro Autista.	Estudo qualitativo, descritivo, caso único de uma criança com Síndrome de Asperger. Realizado no domicílio, fundamentado na teoria de Dorothea Orem, com utilização da Social Stories. Coleta de dados feita por meio de entrevistas semiestruturadas, anamnese e intervenções de enfermagem.	Realizaram-se três intervenções semanais para o estímulo ao autocuidado e avaliações com a mãe acerca da evolução da criança. Constatou-se a evolução da criança do sistema parcialmente compensatório para o sistema de apoio-educação, devido ao aumento da capacidade de autocuidado no banho, na escovação dos dentes e na higienização após as eliminações intestinais
A7	Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na	Nascimento et al.	2018	Identificar a atuação do enfermeiro da Estratégia Saúde da	Pesquisa descritiva, exploratória, qualitativa realizada numa capital	Foram áreas temáticas: percepção, estratégias e intervenções do enfermeiro

	Estratégia Saúde da Família.			Família na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista em crianças	do Nordeste, Brasil. Participaram 10 enfermeiros efetivos, concursados e em exercício na Estratégia Saúde da Família. A coleta de dados ocorreu em 2014 por meio de entrevista individual, observação direta e diário de campo. Material tratado pela análise temática, interpretado pelo referencial das Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.	sobre sinais e sintomas; dificuldades relacionadas à detecção precoce; construção do conhecimento sobre a temática; e sentimentos dos profissionais ao acompanharem crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O **quadro 3** fornece um resumo desses artigos, destacando o suporte de cuidados primários para crianças autistas e o conhecimento científico de enfermeiros profissionais sobre TEA.

A partir da leitura e análise dos estudos apresentados na tabela anterior, foi possível agrupar os resultados e apresentá-los na seguinte categoria: **Categoria 1**: Assistência de enfermagem a criança autista, e **Categoria 2**: Desafios enfrentados pela enfermagem no cuidado à criança autista.

Diante deste contexto o tópico a seguir decorre as discussões relacionadas às categorias que surgiram diante desses estudos com base nos artigos encontrados e que se destacam na construção desta pesquisa.

CATEGORIA 1 - ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇA AUTISTA

A consulta de puericultura, conforme destaca Almeida et al. (2024), é fundamental para a assistência de enfermagem, permitindo ao enfermeiro realizar uma avaliação detalhada da criança, acompanhar seu crescimento e desenvolvimento e identificar sinais de alerta para condições como o TEA. Durante essas consultas, o enfermeiro não apenas identifica suspeitas clínicas, mas também prescreve cuidados, orientando os pais sobre o manejo adequado, promovendo o desenvolvimento saudável. Essas consultas favorecem a criação de um vínculo e uma relação de confiança entre a família e o profissional de saúde, aspectos essenciais para uma assistência integral e acolhedora

A detecção precoce do TEA no campo da enfermagem, exerce um impacto significativo nos resultados a longo prazo para crianças afetadas pelo transtorno. Conforme destacado por Nascimento et al. (2018), os enfermeiros desempenham um papel vital na identificação precoce dos sinais de TEA, especialmente na Estratégia Saúde da Família.

Esses profissionais estão em uma posição única para observar sinais iniciais durante consultas de rotina e interações com as famílias. Para isso, utilizam a observação de aspectos como o contato visual, a interação social, o atraso na fala e outros comportamentos, além do relato dos pais, que é fundamental para a identificação dos sinais do TEA.

Além disso, a utilização da caderneta de vacinação, que inclui marcos do desenvolvimento, auxilia na detecção precoce do transtorno. Contudo, Pitz, Gallina e Schultz (2021) destacam a falta de instrumentos específicos para triagem, o que representa um desafio adicional.

No cuidado a crianças com TEA, a abordagem interprofissional é essencial para uma assistência completa e eficaz. Magalhães et al. (2022) ressaltam a importância do enfermeiro, baseado na teoria do autocuidado, em estruturar diagnósticos e intervenções específicas. No entanto, para otimizar esses cuidados, a atuação conjunta com outros profissionais, como fonoaudiólogos, psicólogos e terapeutas ocupacionais, permite uma visão mais ampla das necessidades da criança, promovendo autonomia e qualidade de vida.

Além de identificar sinais precoces e fornecer cuidados durante a consulta de puericultura, o enfermeiro é quem faz o encaminhamento para serviços especializados, como

terapias e acompanhamento psicológico. Ele também deve informar os pais sobre os direitos da criança, como o acesso a benefícios sociais e a inclusão em programas de saúde e educação especializados. A orientação sobre políticas públicas, como o acesso à Educação Especial e programas de assistência social, contribui para a qualidade de vida da criança e o fortalecimento do suporte familiar.

O enfermeiro deve também estabelecer uma relação interpessoal terapêutica com os familiares, baseada em empatia, escuta ativa e comunicação clara. Isso é essencial, pois os pais, especialmente as mães, geralmente são os primeiros a identificar sinais de desenvolvimento atípico. Além de orientar sobre os sinais de alerta, o enfermeiro ajuda na aceitação do diagnóstico e no enfrentamento das dificuldades, adotando uma abordagem centrada na família. Alinhadas com os princípios da teoria de Hildegard Peplau, essas ações fortalecem o vínculo enfermeiro-família e facilitam a detecção precoce, contribuindo para um melhor desenvolvimento da criança e qualidade de vida para a família (Oliveira et al., 2024).

Corroborando os autores, é possível observar que a enfermagem se prontifica como linha de frente na assistência à criança autista, indo além dos aspectos físicos, abrangendo suporte familiar e encaminhamentos necessários. Ao apoiar as famílias, orientar sobre direitos, políticas públicas e trabalhar em colaboração com outras áreas profissionais, o enfermeiro fortalece o cuidado integral, promovendo o desenvolvimento e a qualidade de vida da criança. Dessa forma, a prática de enfermagem se consolida como uma peça fundamental para o acompanhamento contínuo, construção de vínculo de confiança com a família e, assim, contribuindo para resultados positivos a longo prazo.

CATEGORIA 2 - . DESAFIOS ENFRENTADOS PELA ENFERMAGEM NO CUIDADO À CRIANÇA AUTISTA.

Segundo Sena et al (2017), a falta de conhecimento dos enfermeiros sobre o cuidado a crianças com autismo representa um desafio significativo na prática de enfermagem, exigindo atenção à formação desses profissionais. A insegurança e a fragilidade no domínio do tema refletem uma escassez de estudos e produções nacionais que abordam a atuação de enfermagem junto a pacientes com transtorno do espectro autista (TEA). Esse déficit de conhecimento limita a compreensão sobre os sintomas e as necessidades específicas dessas crianças, prejudicando a oferta de um cuidado mais humanizado e individualizado. Assim, sem as ferramentas adequadas para reconhecer e entender plenamente o TEA, os enfermeiros

encontram dificuldades em criar abordagens eficientes que respeitem as particularidades do paciente.

Almeida et al. aponta que a questão da falta de conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) se estende além da enfermagem, abrangendo áreas como educação física, psicologia e medicina. Isso levanta a reflexão sobre a profundidade com que esses tópicos são tratados na formação de profissionais de saúde. Observa-se que muitos estudantes consideram seu entendimento sobre o TEA inadequado e expressam dificuldades em lidar com os desafios sensoriais frequentemente associados a essa condição. Essa realidade evidencia que a formação teórica e prática oferecida não é suficiente para preparar os futuros profissionais a realizar diagnósticos precoces, sublinhando a necessidade urgente de aprimorar a educação sobre o TEA nos currículos.

Além disso, a ausência de materiais e pesquisas aprofundadas sobre a relação paciente-enfermeiro no contexto do autismo compromete a capacitação dos profissionais, deixando lacunas em sua formação prática e teórica. Sem diretrizes claras, os enfermeiros enfrentam barreiras para atender de forma adequada e segura as demandas desses pacientes, o que pode gerar insatisfação e impacto na qualidade do atendimento. Sena et al (2017), evidencia a urgência de mais investimentos em pesquisas e na criação de orientações específicas que promovam uma prática de enfermagem qualificada.

A colaboração com a família e a atuação conjunta com outros profissionais de saúde são aspectos essenciais no cuidado de crianças com TEA. A participação ativa da família no plano de cuidado é fundamental, já que eles possuem um conhecimento profundo sobre as necessidades diárias e as características comportamentais da criança. Além disso, a integração com terapeutas ocupacionais, psicólogos e educadores permite que os enfermeiros desenvolvam abordagens mais eficazes e personalizadas, atendendo melhor às necessidades específicas de cada paciente.

Outro desafio importante é o impacto emocional e o desgaste psicológico que o cuidado a crianças com TEA pode gerar nos enfermeiros. Esse tipo de cuidado muitas vezes envolve lidar com situações complexas e desafiadoras, como comportamentos disruptivos ou crises emocionais. A falta de suporte psicológico e de estratégias de autocuidado pode afetar o bem-estar dos profissionais, tornando mais difícil manter um cuidado empático e de alta qualidade. Portanto, é essencial que os enfermeiros recebam suporte emocional e tenham acesso a programas de bem-estar, que promovam a saúde mental e física desses profissionais.

O manejo comportamental é um aspecto crucial no cuidado de crianças com TEA. Conforme discutido por Nascimento et al. (2018), os enfermeiros devem estar equipados com

estratégias para lidar com comportamentos desafiadores que são comuns em crianças com TEA. Isso inclui compreender as causas subjacentes de comportamentos como agitação, agressão ou autolesão e aplicar técnicas eficazes para gerenciá-los.

A educação e o treinamento contínuos são essenciais para enfermeiros que cuidam de crianças com TEA. A constante evolução das práticas baseadas em evidências no campo do TEA exige que os enfermeiros se mantenham atualizados com as mais recentes pesquisas e métodos de tratamento. Este compromisso com a educação contínua é crucial para garantir que os enfermeiros possam fornecer o mais alto nível de cuidado.

A implementação de programas de educação profissional é uma estratégia efetiva para o treinamento continuado. Nascimento et al. (2018) sugerem que tais programas devem incluir workshops, seminários e cursos de educação à distância que abordam tanto as questões práticas quanto teóricas do cuidado ao TEA. A participação em conferências e a colaboração com especialistas no campo também são métodos valiosos de aprendizado.

A reflexão e a avaliação contínua da própria prática são componentes essenciais para o desenvolvimento profissional no contexto do cuidado a crianças com TEA. Como apontado por Rodrigues et al. (2017), os enfermeiros devem se engajar de forma proativa na auto avaliação, identificando áreas de melhoria em suas abordagens e práticas. A busca constante por feedback, tanto de colegas quanto de outros profissionais da saúde, é crucial para aprimorar as habilidades clínicas e emocionais necessárias ao cuidado. Esse processo de autocrítica e aprimoramento não só beneficia a qualidade do atendimento prestado, mas também fortalece a confiança e a competência dos enfermeiros em lidar com as complexidades do TEA.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões deste estudo destacam a relevância da enfermagem no acompanhamento de crianças com TEA, desde o diagnóstico inicial até o monitoramento das intervenções. O enfermeiro, como primeiro ponto de contato no sistema de saúde, desempenha um papel crucial na orientação das famílias e no suporte contínuo à criança, sendo essencial para o processo de cuidado integral. A relação estabelecida entre a criança, a família e o profissional de enfermagem torna-se um alicerce fundamental para a criação de um ambiente de confiança e acolhimento, especialmente quando o diagnóstico é comunicado de maneira clara e sensível.

A identificação precoce do TEA, por meio de triagens realizadas durante as consultas de puericultura, é outro aspecto fundamental destacado pelo estudo. O conhecimento dos enfermeiros sobre os instrumentos de triagem permite a detecção de sinais iniciais, promovendo uma intervenção precoce que pode impactar positivamente no desenvolvimento da criança. No entanto, o estudo também evidenciou as dificuldades encontradas pelos enfermeiros, como a falta de capacitação especializada e a limitada integração com profissionais de saúde mental, que podem comprometer a qualidade do cuidado.

Portanto, é imperativo que as práticas de enfermagem sejam aprimoradas por meio de treinamentos e capacitações contínuas, garantindo que os profissionais possam oferecer um atendimento de excelência. A implementação de programas de apoio e orientação por especialistas na área de saúde mental, bem como a promoção de um trabalho colaborativo com equipes interdisciplinares, são essenciais para o sucesso da assistência a crianças com TEA. A articulação entre esses aspectos fortalece a atuação da enfermagem e assegura um atendimento mais eficaz e humanizado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. S. M. et al. Conhecimento e prática de enfermeiros da atenção primária sobre o transtorno do espectro autista. **Rev Enferm UFPI**, p. e3953|-e3953|, 2024.

APA. (2013). Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (5th ed.). **American Psychiatric Association.**

ARAÚJO, M.F.N. et al. Autismo, níveis e suas limitações: uma revisão integrativa da literatura. **PSCR**, v.02, n. 05, p.8-20, 2022.

ARAÚJO, C.M. et al. O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde, ReBIS,** 2019.

BACKES, B; ZANON, R. B; BOSA, C. A. (2017). Características sintomatológicas de crianças com autismo e regressão da linguagem oral. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 33, p. e3343, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 156 p. ISBN 978-85-334-2108-0.

CORTÊS, M. D. S. M.; DE ALBUQUERQUE, A. R. (2020). Contribuições para o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista: de Kanner ao DSM-V. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, 3(7), 864-880.

DE PAULA FERREIRA, L. R. et al. Assistência de enfermagem frente à família do portador de transtorno do espectro autista (Tea). **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 28, n. 2, p. 164-183, 2024.

DE MOURA EVÊNCIO, K. M.; FERNANDES, G. P. (2019). História do Autismo: Compreensões Iniciais/The History of Autism: Initial Understandings. ID on line. **Revista de psicologia**, 13(47), 133-138.

DEPARTAMENTO CIENTÍFICO DE PEDIATRIA E DO DESENVOLVIMENTO E COMPORTAMENTO. Transtorno do Espectro do Autismo. **Manual de Orientação**, abril 2019.

FALCÃO, C. S. N. **Envolvimento de crianças autistas em bullying de acordo com elas próprias, pais e professores de educação física.** Fortaleza, Ceará, 2017 Dissertação (Curso de Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva) - Universidade Estadual do Ceará.

FERREIRA, T. L.; THEIS, L.C. A atuação do enfermeiro na assistência a crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 15, n. 22, p. 85-98, 2021.

MAGALHÃES, Juliana Macêdo et al. Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 36, 2022.

MARANHÃO, S. et al. Educação e Trabalho Interprofissional na Atenção ao Transtorno do Espectro do Autismo: Uma Necessidade para a Integralidade do Cuidado no SUS. **Revista Contexto & Saúde**, v. 19, n. 37, jul/dez 2019. Editora Unijuí.

MENDES, K. D. S., SILVEIRA, R. C. D. C. P., & GALVÃO, C. M. (2019). **Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa.** *Texto & Contexto-Enfermagem*, *28*, e20170204.

NASCIMENTO, Y. C. M. L. et al. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, 2018.

OLIVEIRA, A. R. P. Detecção precoce dos sinais de alerta de autismo em crianças na atenção primária à saúde sob a perspectiva das relações interpessoais. 2024.

PITZ, I. S. C.; GALLINA, F; SCHULTZ, L. F. Indicadores
para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Revista de APS**, v. 24, n. 2, 2021.

RIBEIRO, TC. Epidemiologia do transtorno do espectro do autismo: rastreamento e prevalência na população [Tese de Doutorado]. **Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.** doi:10.11606/T.5.2022.tde-22092022-170809, (2022).

RODRIGUES, P. M. S et al. Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories. **Escola Anna Nery**, v. 21, p. e20170022, 2017.

RONZANI, L. D. et al. Comorbidades psiquiátricas no transtorno do espectro autista: Um Artigo de Revisão. **Boletim do Curso de Medicina da UFSC**, v. 7, n. 3, p. 47-54, 2021

SALGADO, N. M. et al. Transtorno do Espectro Autista em Crianças: Uma Revisão Sistemática sobre o Aumento da Incidência e Diagnóstico. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, p. e512111335748-e512111335748, dez. 2022.

DE SENA, R. C. F. et al. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de pesquisa cuidado é fundamental online**, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.

SOUZA, M. T. D, SILVA, M. D. D, CARVALHO RD. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein. 2010; 8(1):102-106.

STEFFEN, B. F; DE PAULA, I. F; MARTINS, V. M. F; LÓPEZ, M. L. (2020). Diagnóstico precoce de autismo: uma revisão literária. **Revista Saúde Multidisciplinar**, 6(2).

VIEIRA, S. S. Fatores de risco para o desenvolvimento do transtorno do espectro autista. **Revista Enfermagem e Saúde Coletiva-REVESC**, v. 3, n. 1, p. 02-10, 2020.